

CONVIVÊNCIA ESCOLAR NA BERLINDA?

Robson de Sousa¹

Doutorando em Educação e Saúde, Universidade Federal de São Paulo

Docente, Universidade Nove de Julho, São Paulo, SP, Brasil.

robson.sousa@unifesp.br

<https://orcid.org/0009-0005-1145-4766>

Adriana Regina Braga

Doutora em Psicologia, Universidade Estadual de Campinas

Docente, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

adriana.braga@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-2831-6037>

Carlos Lírio José

Doutor em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais

Docente, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

clirio@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-6771-8285>

Resumo

A escola é um território potente para as convivências, portanto um local por excelência para a construção diária da convivência ética diante de todos os conflitos que ela, a escola, apresenta para além da Educação nos encontros entre estudantes, professoras/es, gestão escolar, família e trabalhadoras/es do chão da escola. O que propomos com a pergunta que é o título deste artigo chamado *Convivência Escolar na Berlinda?* é observar sobre as lupas de Bandura (2015), Gomes (2007), Bento (2022), Ferreira (2015), Kabengele (2000), Vinha (2019), Tognetta et al (2014) como o desengajamento moral de Bandura (2015) aporta lastro teórico para implicar a reflexão sobre os casos de violências e degradação das adolescências nas escolas (Tognetta et al., 2014; Vinha, 2019). Para o desenho do percurso metodológico, delimitamos, como recorte deste artigo, um dos casos de racismo no Colégio *Mackenzie*, que ganhou repercussão nacional em maio de 2025 e, por isso, permite entender os meandros de como a escola também se apresenta como território da perpetuação da violência racial e práticas racistas (Kabengele, 2000; Gomes, 2007;

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, PPGESIA - UNIFESP. Linha de pesquisa: Educação, Linguagens e Processos Formativos. Orientadora: Professora doutora Adriana Regina Braga.

Artigo apresentado na disciplina obrigatória, DO - Linguagem, convivência ética e (anti) racismo: possibilidades teórico-práticas para pesquisas em educação e saúde. Professora/or responsável: Professora doutora Adriana Regina Braga e Professor Doutor Carlos José Lírio.

Ferreira, 2015; Bento, 2022) que afetam vidas adolescentes de estudantes preta/os e tem sido, ao longo das últimas décadas, uma preocupação e desafio para a formulação de políticas. A pergunta de fato, não apenas parece mas é uma provocação sobre o cenário e contexto atual do território escolar, que semanalmente segue estampando páginas de jornais, revistas e publicações nas redes sociais com manchetes de violências contra estudantes, professoras e professores da educação básica à educação universitária e pós-graduação. Logo, distante de ser uma questão retórica, este artigo faz uma observação atenta sobre o território escolar para, ao menos, pensar se é possível a construção diária da escola engajada e humanizada, como espaço ativo e problematizador, para dar conta dos conflitos que se apresentam no chamado chão da escola². A reflexão sobre o título que abre este artigo convida como referencial teórico o trabalho do pesquisador canadense, professor doutor Albert Bandura³ (2015), cuja problemática aborda o “Desengajamento Moral na Perpetração de Desumanidades”. Embora, o trabalho verse sobre as práticas de desumanização e tenha como exemplos os contextos institucionais e corporativos de casos de crimes de guerra ou, ainda, o contexto das narrativas e discursos de grandes corporações, as tipologias do desengajamento moral elencadas por Bandura (2015, p. 17-64) como justificativa moral, linguagem eufemística, comparação vantajosa, desprezo ou distorção das consequências, deslocamento da responsabilidade, difusão de responsabilidade, desumanização e atribuição de culpa, podem ajudar a ilustrar e demonstrar como as práticas do desengajamento moral nos ambientes escolares seguem sufocando a premissa ética e moral, indissociável e inalienável da Educação: a defesa da vida, da autonomia e da convivência ética na escola como território da construção comunitária dos saberes. As professoras e pesquisadoras Telma Vinha e Luciene Tognetta (2014, 2019, 2021) que pesquisam a convivência, violências e clima escolar também aportam reflexões importantes sobre o cotidiano da escola para a construção da autonomia e engajamento moral. Portanto, da convivência ética que valoriza as relações humanizadas, que segundo Bandura (2015) fortalecem a agência

² Aqui a expressão popular chão da escola, muito utilizada no cotidiano da vida escolar, se refere aos acontecimentos diários vivenciados pelas professoras/es, gestão, administração e estudantes.

³ Bandura se propôs a entender, sob a perspectiva da Teoria Social Cognitiva, o quanto as condutas humanas envolvem mais do que processos cognitivos, sendo também reguladas pelas motivações pessoais. O autor lembra o quanto os indivíduos agem em prol de se satisfazerem e de como se comportam de maneira a não se condenarem. Por isso, mais do que aspectos cognitivos presentes nas formas pelas quais as pessoas justificam suas ações, estão também os seus anseios por serem bem vistas - e não vistas como imorais (Tognetta et al., 2015, p. 251).

moral em favor da autocensura e autorregulação moral. Como a temática deste artigo analisa os casos de violências escolar, cuja centralidade das práticas desumanizantes é o racismo⁴, autoras/es como Cida Bento (2022), Nilma Lino Gomes (2007), Aparecida Ferreira (2014) e kabengele Munanga (2000) são convidadas/os ao debate para que se possa tecer as conexões do desengajamento moral, convivência ética e desumanização a partir do olhar racial crítico sobre o território escolar. públicas no território escolar sobre o desengajamento moral e a desumanização das adolescências pela violência racial no chão da escola. Bandura (2015), ao estudar as práticas do desengajamento moral, parte da premissa de que pessoas consideradas “boas”, com os mesmos “padrões morais” podem ter diferentes tipos de condutas e comportamentos que culminam em práticas de violências e desumanização da vida pela raça, etnia, gênero, ou ainda ataques dirigidos aos agrupamentos coletivos, comunitários e identitários. Segundo o autor, “O desengajamento das autossanções morais da conduta desumana é um problema crescente tanto ao nível individual quanto coletivo” e para isso propõe uma “teoria de moralidade agêntica” que leva em consideração as questões da moralidade para além da cognição. (Bandura, 2015, p. 19). Essa linha de pensamento de Bandura implica dizer que a conduta moral desengajada se afasta da moralidade agêntica. Ou seja, a agência moral humanizante que parte de um padrão moral virtuoso da defesa da vida, ainda que em contextos de desumanização, vai se colocar frontalmente contra ações desumanizantes e, portanto, para ele, a agência moral apresenta dois aspectos: inibidor e proativo. Tudo até aqui estaria no contexto da humanização, porque como se pode constatar existe uma força moral agêntica que autorregula, pelas autossanções, o comportamento moral das pessoas. No entanto, como adverte Bandura, existem manobras intencionais que podem induzir e conduzir ao desengajamento moral, que por sua vez, justifica a “conduta repreensível” e os efeitos prejudiciais desta conduta, que por sua vez, desumanizam aquelas/es que são vítimas das violências⁵. No caso deste artigo, das

⁴ A Lei de Racismo, de 1989, engloba "os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional". O crime ocorre quando há uma discriminação generalizada contra um coletivo de pessoas. Exemplo disso seria impedir um grupo de acessar um local em decorrência da sua raça, etnia ou religião.

O autor de crime de racismo pode ter uma punição de 1 a 5 anos de prisão. Trata-se de crime inafiançável e não prescreve. Ou seja: no caso de quem está sendo julgado, não é possível pagar fiança; para a vítima, não há prazo para denunciar (Filho, 2025).

⁵ Ver Figura 1 em Bandura (2015, p.22). “A figura, esquematiza os mecanismos pelos quais as autossanções morais são seletivamente ativadas e desengajadas do comportamento prejudicial em diferentes pontos do processo autorregulatório”.

condutas violentas no cotidiano da convivência escolar. O ambiente escolar, segundo a pesquisa encomendada pelo projeto SETA e realizada pelo IPEC - Inteligência e Pesquisa em Consultoria Estratégica (2023), é o território em que as/os adolescentes mais afirmam ter sofrido violência racial. A pesquisa entrevistou duas mil pessoas e cerca de trinta e oito por cento delas afirmaram terem sido vítimas de racismo na escola, faculdade e universidade. Os relatos podem ser lidos e assistidos, quase que diariamente, nas denúncias realizadas por familiares e estudantes vítimas de violência racial e que ganham repercussão midiática e digital pelas redes sociais. Na maioria dos casos, a escola (aqui leia-se, gestão escolar e suas instâncias superiores) emite notas protocolares que se enquadram nas tipologias do desengajamento moral descritas por Bandura (2015). Antes de propor o cruzamento das tipologias de Bandura aos casos de racismo nos ambientes escolares, é necessário destacar que o racismo é um dos comportamentos mais desumanizantes e degradantes que uma parcela da humanidade insiste em praticar contra pessoas pretas mundo afora. No caso do Brasil, ainda persiste o mito da “democracia racial” que alega “não ver cor” e minimiza a violência racial que ataca a população negra por aquilo que chega primeiro aos sentidos visuais do agressor, o fenótipo das pessoas pretas. A cor da pele é o motivo pelo qual a “branquitude” garante a manutenção de “privilégios” e faz vítimas a maior parte da população brasileira⁶ (Kabengele, 2000; Gomes, 2007; Ferreira, 2014; Bento, 2022). O racismo, para Kabengele (2000), avança sobre a questão do fenótipo da população negra e vai além da cor da pele. A violência racial parte da construção social de uma supremacia racial em que as pessoas pretas são consideradas inferiores. A partir dessa contextualização do desengajamento moral e da percepção da violência racial nas escolas pela população brasileira, podemos trazer à baila o caso, aqui denominado caso Colégio *Mackenzie*, para fazer aproximações conceituais entre desengajamento moral, racismo e convivência escolar.

Palavras-chave: escola, adolescência, convivência ética; racismo; desengajamento moral.

⁶ Segundo os dados do Censo 2022, a população que se autodeclara preta e parda chega a 55,5% das brasileiras/os. Portanto, a população negra (soma das pessoas pardas e pretas) representa a maior parte da população no Brasil. (IBGE, 2024)

Referências

- Bandura, A; Azzi, R.G; Tognetta, L. (2015). Desengajamento moral: teoria e pesquisa a partir da teoria social cognitiva. Campinas: Mercado de Letras.
- Belandi, C.; Gomes, I. (2023, dezembro). Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>
- Bento, C. (2022). O pacto da branquitude. Companhia das Letras.
- Dutra, K. (2025, maio). Estudante do colégio Mackenzie é internada após ser encontrada desacordada dentro da escola. <https://cbn.globo.com/sao-paulo/noticia/2025/05/06/estudante-do-colegio-mackenzie-e-internada-apos-ser-encontrada-desacordada-dentro-da-escola.ghtml>
- Ferreira, A. de Jesus. (2015). Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas. Estúdio Texto.
- Filho, H.B. (2025, maio). Racismo no Mackenzie reforça padrão “inaceitável” em Higienópolis. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/05/09/racismo-em-escolas-tem-segregacao-racial-e-bullying-reflexo-da-sociedade.htm>
- Filho, H.B.; Vidal, L. (2025, maio). Não aguentava mais a escola, diz a mãe de aluna internada após racismo. <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/05/12/aluna-racismo-mackenzie-internada.ht>
- G1. (2023, agosto). Ambiente escolar é o mais citado por brasileiros entre os locais onde já sofreram o racismo, diz pesquisa. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2023/08/15/ambiente-escolar-e-o-mais-citado-por-brasileiros-entre-os-locais-onde-ja-sofreram-o-racismo-diz-pesquisa.ghtml>
- Gomes, N. L. (2007) Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. Em GOMES, Nilma Lino (Org.). Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais. (pp. 97- 109). Autêntica.
- Kabengele, M. (2000). Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Em Cadernos Penesb - Programa de Educação Sobre o Negro na Sociedade brasileira. (n.5, pp. 15-34). EdUFF.
- La Taille, Y. (2009). Moralidade e violência: a questão da legitimação de atos violentos. Temas em psicologia, 17(2), 329-340.
- Lírio, C. J.; Azzari, E. F. (2023). Multiletramentos como formas de (res)significar o corpo e as diversidades: reflexões sobre educação linguística, decolonialidade e

antirracismo. Em Pinheiro, P.; Azzari, E. F. (Orgs.). Multiletramentos em teoria e prática: desafios para escola de hoje. (vol. 2, pp. 243-260). Pontes Editores.

Silva, J. A. D. (2025, maio 22). Ensino em rede. A série adolescência: reflexões para a área de ensino. Em PPGESIA UNIFESP. [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=VS2xlq8vPJ4>

Tognetta, L. R. P.; Vinha, T. P.; Martínez, J. M. A. (2014). Bullying e a negação da convivência ética: Quando a violência é um valor. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 7(1), 315-322.

Vinha, T. P.; Nunes, C. A. A.; Moro, A. (2019). Contemporaneidade e a convivência democrática na escola. *Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas*, 11, 123-158.

Vinha, T. P.; Nunes, C. A. A.; Menin, M. S. D. S.; Tognetta, L. R.; Moro, A. (2021). A educação para o desenvolvimento da autonomia e a militarização das escolas públicas: uma análise da psicologia moral. Em ABRAMOVAY, M. et al. (Orgs.). *Reflexões sobre convivências e violências nas escolas*. Brasília. (pp. 84-107). Flacso.